

# Comunidade que Sustenta a Agricultura: na contramão do mercado convencional de alimentos<sup>1</sup>

Andreia Tonini, Daisy Moreira Cunha y Geraldo Márcio Alves dos Santos<sup>2</sup>

## INTRODUÇÃO

A Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) é um movimento global que reúne consumidores e agricultores em torno de um mesmo ideal: oferecer um modelo econômico alternativo de produção e comercialização de alimentos. Neste movimento, os consumidores se comprometem a apoiar uma ou mais propriedades agrícolas locais e a compartilhar os riscos e benefícios da produção de alimentos (Hitchman, 2015). Para Darolt (2013) o surgimento desse movimento representa a busca por um novo modelo de produção agrícola que integre equilibradamente objetivos sociais, econômicos e ambientais – demonstrando uma crescente insatisfação de consumidores e produtores com as estruturas de mercado dominantes.

O modelo CSA se desenvolve quando um grupo de pessoas tem interesse em apoiar financeiramente um ou vários agricultores locais. Cada membro desse grupo paga uma taxa mensal que cobre o custo da produção e a mão de obra do agricultor e, em troca, recebe uma cesta semanal de alimentos produzidos nas hortas. Para os agricultores, esse sistema oferece a segurança de uma comercialização justa e constante de seus produtos, enquanto os consumidores conseguem produtos de qualidade e com garantia de serem cultivados de forma sustentável e por alguém conhecido e de confiança (Darolt, 2012; Melo et al., 2020).

No Brasil, a primeira experiência registrada com o modelo CSA ocorreu na cidade de Fortaleza (Ceará), no final dos anos 1990, com a Associação para o Desenvolvimento da Agropecuária Orgânica (ADAO). Todavia, foi apenas com o início da CSA Brasil (associação civil que agrega e oferece suporte às iniciativas de CSA), em 2011, que o modelo se disseminou para outras regiões do país (Darolt, 2012). Em Minas Gerais, a CSA reúne agricultores e consumidores na região metropolitana de Belo Horizonte desde o ano de 2015, com a missão de aumentar a oferta de alimentos saudáveis e valorizar a agricultura de base agroecológica, ressignificando as relações de produção e consumo. E é neste território que encontramos o objeto do nosso estudo: a CSA Nossa Horta (Tonini, 2020).

Organizada juridicamente como associação civil sem fins lucrativos, a CSA Nossa Horta se apresenta como uma alternativa à agricultura convencional ao incentivar relações interpessoais (buscando reaproximar agricultor e consumidor, ou seja, campo e cidade) e ao propor uma nova perspectiva para a produção e a comercialização de alimentos – dando novo significado às relações de consumo e, em consequência, de mercado. Entendemos, com isso, que estamos diante de um novo modelo produtivo, baseado em relações de confiança e

---

<sup>1</sup> Para citar este artículo:

Tonini, A., Moreira, D. y Alves dos Santos, G. M. (2024). Comunidade que Sustenta a Agricultura: na contramão do mercado convencional de alimentos. En Rodríguez-Mena, M., Rojas, M., Pérez, O., Serrano, A., Llanes, L., Capote, T. y Armas, A. (eds.). *Memorias del Simposio Internacional 40 Aniversario del CIPS* [Multimedia]. Ediciones CIPS, ISBN: 978-959-85018-1-6 <http://www.cips.cu/Publicaciones/articulos>

<sup>2</sup> Instituição: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Minas Gerais, Brasil

solidariedade, que apoia a transição para sistemas de produção que sejam ambientalmente sustentáveis, economicamente viáveis e socialmente justos (Tonini, 2020).

Assim, para melhor conhecer esse movimento, propomos como objetivo investigar como a CSA Nossa Horta contribui para a construção de um modelo alternativo de produção e comercialização de alimentos.

## **METODOLOGIA**

A orientação metodológica utilizada na investigação foi a abordagem qualitativa conforme proposta por Godoy (1995) e Minayo et al. (2016), sendo utilizadas a entrevista semiestruturada e a observação participante como ferramentas para a realização da pesquisa.

As entrevistas foram direcionadas ao núcleo gestor (NG) e aos agricultores da CSA Nossa Horta (que chamaremos de H1, H2 e H3 para preservar o anonimato). Entrevistamos quatro membros do NG, momento em que tratamos sobre a história da CSA Nossa Horta, sua organização de trabalho e as relações estabelecidas e fortalecidas na comunidade. As entrevistas aconteceram ao longo do primeiro semestre do ano de 2019, conforme a disponibilidade dos entrevistados. Algumas foram feitas pessoalmente e outras por telefone. Não estabelecemos prazo de duração (média de 40 minutos).

Também entrevistamos os agricultores apoiados pela CSA Nossa Horta, abordando as seguintes temáticas: a história da horta, os processos de produção e comercialização do alimento e o vínculo estabelecido com a comunidade. As entrevistas foram realizadas nas hortas de cada agricultor e não foi determinado prazo para sua duração (média de 30 minutos).

As observações *in loco* ocorreram no decorrer do ano de 2019, durante a entrega das cestas aos consumidores, nas reuniões do núcleo gestor (cuja periodicidade é mensal), em reuniões da comunidade com os agricultores e em visitas às hortas.

Destacamos que as observações foram registradas num caderno de campo e todas as entrevistas foram gravadas e transcritas (em momento posterior). A anuência dos pesquisados foi formalizada mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, cientes de que existem determinações legais a serem cumpridas, submetemos a pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – somente após sua aprovação, realizamos a pesquisa de campo.

Finalizada a etapa de campo, utilizou-se a análise de conteúdo proposta por Bardin (2011) para examinar os dados obtidos. Para operacionalizar essa proposta, realizamos os seguintes passos propostos por Taquette (2016): ordenação, classificação e análise final dos dados.

Na ordenação, fizemos um mapeamento de todos os dados levantados no trabalho de campo. Centramos a atenção na leitura e organização do material obtido com as entrevistas e as observações. Na classificação, realizamos nova leitura do material textual para compreender o conteúdo e identificar pontos semelhantes entre as falas transcritas e as notas de campo. Com isso, conseguimos identificar dois temas principais, classificados nas seguintes categorias: relações interpessoais e produção/comercialização de alimentos. Essa classificação está ancorada ao objetivo proposto nesta pesquisa. Na análise final, estabelecemos articulações entre os dados classificados e a fundamentação teórica, e norteamos a discussão a partir do objetivo apresentado.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### *Apresentando a CSA Nossa Horta*

A CSA Nossa Horta é uma associação civil sem fins lucrativos localizada na cidade de Belo Horizonte (Minas Gerais/Brasil), organizada e gerida por um grupo de consumidores que, ao propor um modelo alternativo de produção e consumo de alimentos, apoia agricultores que estão passando por um processo de transição ecológica. Tomando como referência as palavras de Caporal e Costabeber (2004a, 2004b), verificamos que essa associação favorece uma aproximação da agricultura com os ideais de sustentabilidade e faz surgir outra perspectiva no espaço rural.

Ao se associar à CSA Nossa Horta, o consumidor passa a ser chamado de coprodutor e seu vínculo se faz através do pagamento de uma mensalidade fixa. Em troca, ele recebe uma cesta semanal com produtos agroecológicos – ou seja, produzidos “em equilíbrio com a natureza, cumprindo os preceitos de saúde do ser humano, proteção da biodiversidade e respeito ao meio ambiente” (entrevistado do NG). Vale ressaltar que a variedade dos produtos encontrados nas cestas depende das condições climáticas e da sazonalidade dos cultivos.

Contudo, o vínculo financeiro não é o único estabelecido na comunidade. Conforme nos explicou um dos entrevistados do NG, as relações de confiança são essenciais para o funcionamento da CSA Nossa Horta. Em suas palavras, “é a partir delas que se estabelece uma parceria entre agricultores e consumidores, permitindo uma aproximação entre quem produz e consome”. Para outro entrevistado do NG, as “relações de confiança e respeito são essenciais para o funcionamento da CSA Nossa Horta; é a partir delas que se estabelece uma parceria entre os coprodutores e os agricultores, o que acaba gerando um sentimento de solidariedade”. Em complemento, o agricultor H3 disse que “quando você vai no sacolão, você não sabe quem produziu... E aqui não. Aqui, a gente fala assim, literalmente, você reaproxima, reconecta o campo com a cidade”.

Para Darolt (2012, 2013) essa relação nada mais é que um contrato de economia solidária que se baseia no pré-financiamento da produção pelos coprodutores, fornecendo um crédito antecipado para os agricultores no fomento à produção – onde os riscos são diminuídos e compartilhados com os coprodutores. Dessa maneira, os agricultores podem se dedicar livremente à sua produção, tendo a garantia de escoamento da mesma e sem sofrer a pressão do mercado e do preço (recebendo uma renda mais estável, justa e segura). Já os coprodutores recebem produtos locais de qualidade e sustentáveis, sabendo quem os produz e como são produzidos.

Temos então, de um lado, consumidores que desejam adquirir produtos saudáveis, cultivados de maneira ambientalmente correta, a preços justos e conhecendo quem produz. E de outro lado, observamos agricultores que esperam melhorar a renda e diminuir o poder dos intermediários e das grandes redes de supermercado, mantendo sua autonomia para decidir sobre o que e como produzir, e para quem vender (Darolt, 2013; Tonini, 2020).

A partir dessas elucidações, conseguimos identificar uma insatisfação – tanto por parte dos coprodutores quanto dos agricultores – diante das estruturas de mercado dominantes. As palavras do agricultor H2 refletem bem esse posicionamento:

Quando a gente fala de agricultura, a gente não tá falando só da produção de alimentos, só da técnica de produzir. A gente tá falando de mercado, de consumo, de preço, a gente está lidando com família de agricultores – então a gente tem uma

questão séria hoje, que é uma questão social no meio rural. De inclusão social, de economia, de acesso à informação, tecnologia, educação (H2).

Isso nos permite dizer que a CSA Nossa Horta, enquanto coletivo, assume uma posição contrária ao mercado gerado pela agricultura convencional ao implementar um sistema alternativo de relações comerciais entre quem produz e quem consome, de forma a proporcionar relações de confiança e solidariedade, renda real para os agricultores e alimentos saudáveis para os coprodutores – corroborando com a ideia de Cattani (2003) de uma “outra economia”.

Para Petersen (2009), essas novas relações comerciais são mediadas pelo trabalho associado e pelos princípios de solidariedade e cooperação, e devem ser desenvolvidas no âmbito dessa “outra economia” – o que requalifica os sentidos do trabalho, da produção e do consumo, fortalecendo práticas de reciprocidade e contrariando a ideia de que o ser humano se comportaria, naturalmente, com base no desejo de maximizar seu lucro.

Isso significa dizer que o modelo CSA, além de beneficiar as duas partes envolvidas (coprodutores e agricultores), permite o desenvolvimento de uma nova relação em torno da agricultura, envolvendo diversos processos – desde o preparo do solo para receber o plantio até a entrega dos produtos ao consumidor final. De fato, o que se percebe na CSA Nossa Horta é mais do que uma relação de consumo. Conforme nos disse um dos entrevistados do NG, “o que se busca é uma relação de confiança e solidariedade, que ultrapassa a relação meramente mercadológica”.

### ***Um modelo alternativo de produção de alimentos***

Ao prezar pela construção e consolidação de um modelo de produção de alimentos saudáveis, equitativo e sustentável, a CSA Nossa Horta apoia três agricultores que estão passando por um processo de transição agroecológica. São agricultores que apresentam algumas especificidades em suas hortas, mas, ainda assim, compartilham do mesmo ideal: a produção de alimentos saudáveis e em equilíbrio com o meio ambiente – corroborando com os princípios da agroecologia citados por Gliessman (2005), Caporal e Costabeber (2004a, 2004b), e Gomes e Assis (2013).

O agricultor H1 é o único responsável pelo processo de produção na horta, que perpassa desde o preparo do solo até a colheita dos alimentos. Conta com o auxílio da mãe para a montagem das cestas destinadas à CSA Nossa Horta. Observamos que sua horta é a que mais se aproxima de uma agricultura familiar conforme conceituam Caldart et al. (2012) e Schneider e Cassol (2017): aquela em que a família é ao mesmo tempo proprietária dos meios de produção e executora das atividades produtivas. Ele nos explicou que:

Com um dia eu faço essas duas áreas aqui [o equivalente a seis canteiros]. Eu acordo de manhã cedo e coloco esterco em tudo. Depois eu passo a máquina em tudo e depois eu venho formando tudo. Aqui eu tô rastelando porque eu vi que ficou uns negócios grandes por cima [do canteiro]. Mas se não precisar, não faço. Não tem necessidade de fazer sempre não (agricultor H1).

A horta do agricultor H2 tem como particularidade a produção de alimentos em meio a linhas de árvores. Altieri (2004) e Farrell e Altieri (2012) denominam esse sistema como

agroflorestal (SAF): sistemas sustentáveis que procuram aumentar a produção de forma contínua, combinando a produção de árvores (incluindo frutíferas) com espécies agrícolas na mesma área, utilizando práticas de manejo compatíveis com a cultura da população local. O agricultor nos explicou que:

A agrofloresta, seu conceito, é uma agricultura que copia os processos naturais do nosso ecossistema. Então a gente copia os processos que acontecem na floresta, no nosso próprio ecossistema e aplica esses princípios na produção de alimentos. Dessa forma, a gente cria uma agricultura equilibrada com o ecossistema natural, uma agricultura que considera o próprio ecossistema (agricultor H2).

Ele prossegue:

A gente tá imitando um processo que é natural. Quando você vai na floresta, como é que tá a terra lá? Toda coberta. Você cava e acha uma terra preta, macia, cheia de vida, de minhocas, microrganismos. Então o objetivo aqui é criar um solo semelhante ao solo de floresta. Um dos objetivos da árvore é esse. Outra função: contribuem para a biodiversidade do sistema, contribuindo para o equilíbrio ecológico. Quanto mais espécies a gente tem, mais diversidade de vida a gente tem no sistema. Quanto mais diversidade de vida trabalhando aqui, mais equilibrado é o meu sistema, menos doença, menos praga, menos insetos atacando a horta a gente vai ter (agricultor H2).

Já a horta do agricultor H3 está voltada para a produção de alimentos orgânicos. É a única horta apoiada pela CSA Nossa Horta que apresenta certificação para orgânicos. Conforme nos relatou o agricultor, este foi o primeiro projeto de horticultura agroecológica em Minas Gerais a obter essa certificação. Para ele, a horta “significa a proposta de um novo rural: um rural que concilia tecnologia e tradição, teoria e prática, o suor do esforço com a dignidade do trabalho e a satisfação de produzir, consumir e comercializar alimentos saudáveis”. O agricultor ainda explica que a produção de alimentos é feita utilizando a natureza como aliada e, com isso, “traz para a horta as interações ecológicas que ocorrem nas matas, buscando o equilíbrio entre as espécies que estão sendo cultivadas”.

Percebemos, assim, o interesse – principalmente por parte dos agricultores – em buscar outras formas de produzir que, conforme destacam Altieri (2012) e Gomes e Assis (2013), não agridam e nem destroem a natureza, valorizem o saber tradicional e o trabalho do agricultor, e contribuam efetivamente para o bem-estar das populações (tanto do campo quanto da cidade). Isso significa dizer que os agricultores vivenciam um processo produtivo diferenciado, baseado na agroecologia e que oferece um outro olhar para a agricultura, em que, nas palavras de Costabeber e Moyano Estrada (2000), ela passa a ser vista não apenas como espaço de transações econômicas, mas também de construção de saberes e de interações sociais e ecológicas.

O não uso de agrotóxicos e fertilizantes químicos foi o ponto central nas conversas com os agricultores, demonstrando a preocupação não só com a saúde de quem produz e quem consome os alimentos, mas também com o solo, a água e o próprio alimento. Outro ponto relevante observado foi o aproveitamento do material da própria horta (como podas de árvores e alimentos que passaram do ponto da colheita) para fornecer nutrientes para o solo e como

atrativo para determinados animais, evitando pragas e doenças. Para um dos membros do NG, “esse tipo de manejo que os agricultores fazem para produzir o alimento, é legal de ver isso. É diferente da agricultura convencional sabe? Que você só fica com o adubo químico e não tem variedade de cultivos”.

Os consórcios também foram observados nas três hortas. Eles apresentavam desde combinações simples (combinando duas espécies em fileiras alternadas nos canteiros) até aquelas mais complexas (com mais de quatro espécies misturadas). Para os agricultores, esse sistema, além de gerar matéria orgânica e ajudar na fertilidade do solo, permite uma maior eficiência do uso da terra, resultando numa maior produtividade da horta – situação oposta do que se nota nas monoculturas, por exemplo. Ademais, Altieri (2004) pontua que os cultivos variados e intercalados garantem uma produção constante de alimentos, assegurando uma oferta regular e variada e, em consequência, uma dieta alimentar nutritiva e diversificada.

Conseguimos, com isso, verificar uma grande diferença em relação à agricultura convencional, cuja ideia central está voltada para a especialização agrícola, levada ao extremo principalmente com as monoculturas, que, conforme destacam Altieri (2012) e Gliessman (2005), se mantem viável devido ao uso intensivo de agrotóxicos ou com a incorporação de novas terras em substituição àquelas já exauridas.

Nas hortas observadas, também verificamos a utilização de cobertura vegetal para proteger e manter a umidade do solo. Para os agricultores H1 e H2, devido ao uso da cobertura, o solo se mantém úmido por mais tempo, não havendo a necessidade de irrigar os canteiros diariamente. O agricultor H2 nos disse que “não conseguiria produzir esse tanto de coisa que eu tenho se não tivesse a cobertura do solo”. Em complemento, o agricultor H3 nos informou que “mesmo em dias mais quentes, a cobertura permite uma economia em torno de 60% de água destinada para a irrigação”.

Posto isso, devemos reconhecer a importância do modelo CSA, principalmente quando o situamos em um contexto de crise provocada pela agricultura convencional, fundamentada em princípios de racionalidade meramente econômicos e instrumentais, onde padrões tecnológicos, práticas de produção, organização burocrática e aparelhos ideológicos do Estado foram estabelecidos sobre uma lógica de eficiência máxima e produtivismo com base na exploração dos recursos humanos e naturais de maneira degradante (Gomes & Assis, 2013).

Ao analisarem essa problemática, Caporal e Costabeber (2004b) falam de uma “crise de civilização”, que pode ser entendida sob diversas perspectivas:

Por um lado, pode ser vista como o resultado da pressão populacional sobre os recursos finitos do planeta e por outro, como o efeito da acumulação do capital e da maximização das taxas de ganhos no curto prazo, gerando modelos tecnológicos que exploram os recursos naturais. Como consequências imediatas deste processo, se poderia estar assistindo a emergência de problemas macroecológicos, tais como o efeito estufa, a redução da camada de ozônio, a contaminação química da água e dos alimentos, o esgotamento da base dos recursos não renováveis e a dificuldade para a regeneração e manutenção da capacidade produtiva dos agroecossistemas. Assim, pois, a crise ambiental põe de manifesto o mito do desenvolvimento e mostra o lado oculto da racionalidade econômica dominante (Caporal & Costabeber, 2004b, p.35).

Nesse sentido, reforçamos que o modelo proposto pela CSA representa um salto na direção certa ao reivindicar um modelo diferenciado daquele utilizado pela agricultura convencional.

Para Tonini (2020), esse modelo assume uma posição de destaque ao fornecer diretrizes para a emergência de padrões de desenvolvimento rural que sejam ecologicamente sustentáveis, economicamente viáveis e socialmente justos.

### *A comercialização dos alimentos produzidos nas hortas*

A pesquisa nos permitiu verificar que as relações de mercado construídas pelo modelo CSA se diferenciaram daquelas adotadas pela agricultura convencional: redes locais de comercialização (como feiras na própria cidade e em cidades próximas) e a própria CSA Nossa Horta são priorizadas pelos agricultores tanto para garantir um menor percurso a ser percorrido da horta até o consumidor final, quanto para evitar intermediários.

Sobre a figura do intermediário, Darolt (2012) e Rover e Darolt (2021) afirmam que ela representa uma importante fonte de exploração para os agricultores e de apropriação da renda produzida na agricultura. Sua eliminação significa não apenas expandir as margens da renda econômica, mas também ganhar maior autonomia em relação ao processo produtivo.

Em vista disso, podemos dizer que os três agricultores apoiados pela CSA Nossa Horta se encontram inseridos dentro do que Ferreira et al. (2016) denominam de cadeias agroalimentares agroecológicas. São cadeias caracterizadas, principalmente, pela produção agroecológica e pela pequena dimensão dos circuitos de comercialização. Assim, visando a diminuir a distância percorrida até o consumidor final, a associação apoia agricultores cujas hortas estão localizadas numa distância máxima de 70 quilômetros de Belo Horizonte – nos municípios de Capim Branco, Florestal e Sabará. Com isso, ela prioriza os circuitos curtos de comercialização e consegue garantir que o alimento seja entregue diretamente para o consumidor final, sem passar por outros intermediários ou rede de supermercados.

Porém, é válido destacar que ainda não existe uma definição oficial no Brasil sobre esses circuitos curtos, mas, a literatura francesa tem utilizado esse termo para caracterizar os circuitos de distribuição que mobilizam até um intermediário entre produtor e consumidor (Chaffotte & Chiffolleau, 2007; Darolt, 2013) – característica essa observada na CSA Nossa Horta. O que significa dizer que a venda do alimento para o consumidor final é feita via um único intermediário: a própria associação.

Outras características, listadas por Darolt (2012, 2013) e Ferreira et al. (2016), também foram observadas em campo. São elas: a produção diversificada, tamanho da propriedade não ultrapassando 20 hectares (área pequena quando comparada àquelas em circuitos longos) e autonomia do agricultor em relação aos processos de produção. Além delas, as entrevistas com os agricultores evidenciaram uma outra característica para esse modelo de comercialização: a segurança do escoamento. Para o agricultor H2, “a venda em feiras é muito instável. Então tem vez que vende, tem vez que não vende. A única coisa que dá segurança é a CSA. Então, assim, por isso que é importante esse grupo”. Da mesma forma, o agricultor H1 nos contou que “a CSA pra mim, hoje, é tudo né? É garantia, é segurança, é família. Porque dá uma estabilidade boa”.

Além do mais, as entrevistas (com o NG e com os agricultores) evidenciaram que os circuitos curtos de comercialização têm alcançado resultados positivos para a associação, dentre os quais podemos citar: o aumento da renda para o agricultor, o reconhecimento da qualidade dos alimentos produzidos nas hortas (livres de agrotóxicos e outros fertilizantes químicos) e a valorização do trabalho no campo, além do fortalecimento das relações de confiança e solidariedade entre quem produz e quem consome.

Percebemos, assim, que a comercialização de produtos pelo modelo CSA pressupõe a configuração de redes e canais diferenciados, que se constroem por meio de alianças que redefinem a articulação entre produção e consumo de alimentos, baseada em critérios de confiança, equidade e sustentabilidade (Gomes & Assis, 2013). Percebemos, também, que os agricultores reconhecem a importância da inserção nesse mercado diferenciado, que valoriza a produção agroecológica (inclusive financeiramente), a ponto de todos os três adotarem esses mercados como principal meio para o escoamento da produção. Nas palavras do agricultor H2: “ser agricultor e levar pro mercado produtos tirados de um sistema de agrofloresta era uma coisa de outro mundo, ninguém acreditava. Hoje em dia a gente vive disso e já tem um monte de gente fazendo”.

O exposto até aqui vai ao encontro do nosso entendimento de que outro modelo de produção e comercialização de alimentos é possível e viável. Em vista disso, os agricultores (enquanto sujeitos ativos e pertencentes a um coletivo) passam a ser vistos como uma significativa força de resistência à agricultura convencional. Para Petersen (2009), além de expressarem uma capacidade para resistir ao poder econômico e político-ideológico que nega a sua permanência enquanto modo de vida e de produção, a resposta desses trabalhadores pode ser interpretada também como um sinal antecipatório da sociedade democrática e sustentável que queremos ver construída e consolidada.

Dessa maneira, podemos dizer que a CSA Nossa Horta viabiliza não só a construção como também a consolidação de um mercado diferenciado, criando possibilidades para ressignificar as relações de consumo e, com isso, estimular o desenvolvimento de uma outra economia.

## CONCLUSÃO

O trabalho realizado pela CSA Nossa Horta preza pela construção e consolidação de um modelo alternativo de produção e comercialização de alimentos, de base local, e que proporcionar relações mais justas (baseadas em laços de confiança e solidariedade), renda real para os agricultores e alimentos saudáveis para os coprodutores.

Assim, ao apoiar a produção agroecológica e os circuitos curtos de comercialização, o modelo CSA contribui para o desenvolvimento e a consolidação de uma nova relação em torno da agricultura. Relação essa que se revela ampliada, envolvendo diversos processos: desde o cuidado com o meio ambiente e a preservação da biodiversidade, até a entrega de um alimento saudável diretamente para o consumidor final. Em consequência, essa relação acaba contribuindo para reaproximar agricultor e consumidor (campo e cidade), indo na contramão do modelo proposto pela agricultura convencional – em que as relações estabelecidas são puramente mercadológicas e impessoais.

Fica igualmente evidenciado que esse modelo alternativo busca integrar a esfera ambiental às esferas social e econômica. Adicionalmente, traz consigo saberes (individuais e coletivos) e valores (dimensionados e não dimensionados) relacionados ao trabalho do agricultor, ao consumo consciente e ao comércio justo e solidário (economia circular). Também exerce importante função na revalorização do alimento e do modo de fazer do agricultor.<sup>i</sup>

## REFERÊNCIAS

- Altieri, M. (2004). *Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável* (4a ed.). Editora da UFRGS.
- Altieri, M. (2012). *Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável* (3a ed.). Expressão Popular.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Caldart, R. S.; Pereira, I. B.; Alentejano, P.; & Frigotto, G. (2012). *Dicionário da educação do campo*. Expressão Popular. <https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/1191.pdf>.
- Caporal, F. R.; & Costabeber, J. A. (2004a). *Agroecologia: alguns conceitos e princípios*. MDA/SAF/DATER-IICA. <https://www.fca.unesp.br/Home/Extensao/GrupoTimbo/Agroecologia-Conceitoseprincípios.pdf>.
- Caporal, F. R.; & Costabeber, J. A. (2004b). *Agroecologia e extensão rural: contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável*. MDA/SAF/DATER-IICA. [https://pergamum.ifrs.edu.br/pergamumweb\\_ifrs/vinculos/000053/0000536c.pdf](https://pergamum.ifrs.edu.br/pergamumweb_ifrs/vinculos/000053/0000536c.pdf)
- Cattani, A. D. (Org.). (2003). *A outra economia*. Veraz Editores.
- Chaffotte, L., & Chiffolleau, Y. (2007). Circuits courts et vente directe: définition, typologie et évaluation. *Cahiers de l'Observatoire CROC*, (1-2), 1-8.
- Costabeber, J. A.; & Moyano Estrada, E. (2000). Transição Agroecológica e Ação Social Coletiva. *Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, 1(4), 50-60. <https://mst.org.br/download/transicao-agroecologica-e-acao-social-coletiva/>
- Darolt, M. R. (2012). *Conexões ecológicas: novas relações entre agricultores e consumidores*. IAPAR.
- Darolt, M. R. (2013). *Circuitos curtos de comercialização de alimentos ecológicos: reconectando produtores e consumidores*. In: Niederle, P. A.; Almeida, L., Vezzani, F. M. (Orgs.). *Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura*. IAPAR. Kairós. 139-170.
- Farrel, J.; & Altieri, M. (2012). *Sistemas agroflorestais*. In: Altieri, M. *Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável*. (3a ed.). Expressão Popular, 281-304.
- Ferreira, A. G.; Paiva, A. R. N.; Escobar, M. Z.; Carvalho, N. F.; Bohórquez, N. V.; & Dal Soglio, F. K. (2016). *Mercados alternativos de alimentos*. In: Dal Soglio, F. k., & Kubo, R. R. (Orgs.). *Desenvolvimento, agricultura e sustentabilidade*. Editora da UFRGS. 115-132. <https://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad105.pdf>.
- Godoy, A. S. (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, 35(2), 57-63. <https://doi.org/10.1590/S0034-75901995000200008>.
- Gomes, J. C. C.; & Assis, W. (2013). *Agroecologia: princípios e reflexões conceituais*. Embrapa.
- Gliessman, S. (2005). *Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável* (3a ed.). Editora da UFRGS.
- Hitchman, J. (2015). Agricultura Sustentada pela Comunidade: um modelo que prospera na China. *Revista Agriculturas*, 12(2), 33-38. <https://doi.org/10.26767/1663>.

- Melo, A. M.; Freitas, A. F.; & Calbino, D. (2020). Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA): panorama das pesquisas brasileiras. *Revista do Desenvolvimento Regional*, (17)2, 82-99. <https://doi.org/10.26767/1663>.
- Minayo, M. C. S.; Deslandes, S. F.; & Gomes, R. (2016). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Vozes.
- Petersen, P. (2009). Agricultura familiar camponesa na construção do futuro. ASPTA– Agricultura Familiar e Agroecologia.
- Rover, O. J.; & Darolt, M. R. (2021). *Circuitos curtos de comercialização como inovação social que valoriza a agricultura familiar agroecológica*. In: Darolt, M. R.; Rover, O. J. (Orgs.). Circuitos curtos de comercialização, agroecologia e inovação social. Estúdio Semprelo, 19-43.
- Schneider, S.; & Cassol, A. (2017). *Diversidade e heterogeneidade da agricultura familiar no Brasil e implicações para políticas públicas*. In: Delgado, G. C.; Bergamasco, S. M. P. P. (Orgs.). Agricultura familiar brasileira: desafios e perspectivas de futuro. Ministério do Desenvolvimento Agrário, 84-109. [https://www.cfn.org.br/wp-content/uploads/2017/10/Agricultura\\_Familiar.pdf](https://www.cfn.org.br/wp-content/uploads/2017/10/Agricultura_Familiar.pdf).
- Taquette, S. (2016). Análise de dados de pesquisa qualitativa em saúde. *Atas – Investigação Qualitativa em Saúde*, (2)1, 524-533.
- Tonini, A. (2020). *A construção do conhecimento agroecológico: os processos de trabalho dos agricultores da CSA Nossa Horta*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal de Minas Gerais.

---

<sup>i</sup> São temáticas importantes e que estão sendo aprofundadas na pesquisa de doutoramento da autora principal, ainda em fase de elaboração.